

# Contrabandista

EPITÁCIO PAIS

**H**avia entre Uguém e Tamboxém uma ponte de madeira já meio carunchosa, pintada de preto, pendendo sobre um rio de águas sempre a correr, saltando grandes fragas de basalto e espumando nos declives. Atravessámo-la, embrenhamo-nos no matagal que se estendia a nossa frente e tomamos a direção de Foquir-pattô.

Com o tempo que fazia, uma tarde quente e nebulosa, o vento do mar a crescer-nos a pele e fazendo suar em bica, apetecia-me despir a farda, dar uns bons mergulhos na água, deitar-me à sombra dos cajueiros e tirar uma boa soneca. Eu perdera duas noites na jogatina com os rapazes do quartel e trazia os olhos cheios de sono. A maleta de coiro, pesada, fazia-me doer o braço. E depois roíam-me lembranças de Mariana que talvez teria de celebrar sozinha a noite de Natal.

Mas o agente Faria tinha pressa de chegar a Foquir-pattó. Queria falar com o alferes Concha, acampado algures com os seus homens e chegar ao seu destino antes que a escuridão nos estendesse os atalhos. Estava sucumbido de uma missão altamente secreta, que eu já sabia qual era: matar o Vassanta, perigoso agitador das fronteiras, que todas as noites descia a doutrinar os camponeses da região, pondo em sobressalto os cidadãos fiéis ao governo. O bandido tinha no seu sinistro rol meia dúzia de mortes de pessoas inocentes e a cegueira de uma criança, que perdera os olhos ao pisar um engenho explosivo. O que Faria tinha de fazer era colocar uma dose de dinamite no pontão por onde o revolucionário devia passar para que o diabo o levasse para o inferno.

Por isso, sem mais delongas, fomos seguindo caminho até o posto do alferes, mandando eu às malvas a alhada da aventura e a hora em que fora escolhido para a tarefa.

Mas depressa se mo desvaneceram os fumos que sufocavam o meu entusiasmo. Os soldados do posto contaram-me anedotas de levantar um morto, enchendo-me os bolsos de cigarros. O alferes Concha era uma jóia de homem. Ofereceu-me grandes fatias de pão com carne e uma garrafa de vinho do Porto que me tomou o resto do caminho, já agora ladeado de casinhas de terra batida, revendo-se na calma do rio, onde uma e outra rapariga lavava a roupa.

Havia ali paisagens de maravilha, tintas rubras de sol pincelando a troncagem negra dos coqueiros e os cumes das montanhas, sombras que se curvavam e dançavam e se deliam nas pregas sedosas da água. E um cheiro que vinha descendo dos oiteiros vivificava-me e tirava-me do quebranto.

Vê aquela rapariga a lavar roupa e a cantar? Quem é – perguntei a Janum, o velho subsidiado pelo governo para prestar informações à polícia e que nos servia de guia.

Janum segredou-me que era a tal do Vassanta, que a mantinha bem paga, bem nutrida e vestida, pelo que se via. Era a Jilá. Amanhã já ela não estaria a cantar.

Jilá era nova e bonita. Sentada à beira do rio, respingando água como as flores silvestres, orvalhadas em manhãs de friúra. Tive pena dela e do seu amor por um homem que tinha as horas contadas. Mas que é que se podia fazer em seu favor? O Vassanta era inimigo da Pátria e era mister que fosse sacrificado.

Fiquei uns breves minutos admirando-a atrás de uns arbustos e fui seguindo o agente já com redobradas forças que o excelente licor me dava.

Quando chegamos ao término da jornada, um ermo onde Janum tinha a sua cabana, Faria disse-me que podia dormir que o resto corria por sua conta. Ele, sozinho, queria ter a glória de matar o mais temido inimigo da ordem e da soberania. A mim, só me cabia assinar o auto, que seria remetido ao ministro, que me guindaria de posto.

Eu exultei. Ia ser cabo! Que alegria! Havia de ganhar mais umas dezenas rupias por mês, ter as minhas divisas novas, ser olhado com inveja pelos amigos. Poderia comprar as jóias para a Mariana, os vestidos que ela cobiçava e, enfim, dizer que queria casar com ela. Tudo aquilo me parecia um sonho. Mas não era.

Eu estava acordado apesar de cheio de sono. Ia ser cabo! Dei um pulo. A alegria brincava dentro de mim.

Tirei a roupa do corpo. Deitei-me no chão embostado e morno da casa de Janum. Dormi que nem um justo.

Horas depois acordei sobressaltado por um estampido que me deixou surdo. Ao meu lado Faria, colado ao solo, impunha-me calma. Nada havia a recesso. Absolutamente nada. A missão estava cumprida. Vassanta não podia ter escapado. Devia ter ficado reduzido a pedaços. Agora toda aquela gente podia viver em sossego e dormir em paz. Eu seria promovido logo que o ministro tomasse conhecimento do relatório. E ele, Faria, tinha o nome feito. No dia seguinte a imprensa falaria da sua bravura. Talvez houvesse uma manifestação de apreço na Câmara Municipal e, seguramente, seria proclamado herói nacional depois de lhe ser conferida a mais alta comenda da Nação.

A mim não interessava que ele fosse proclamado herói nacional, que cidadãos proeminentes enaltecendo a sua acção de benemérito da sociedade. Se a missão estava terminada eu queria ir-me embora dali o mais depressa possível a fim de pôr em prática os meus planos de futuro. Sentia um grande desejo de falar com Mariana, abraçá-la, devorá-la com beijos e dizer-lhe que já era cabo! Que bom Natal que vamos ter! Por isso, quando depois de saborearmos por dois dias, às instâncias de Jarum, as delícias daquela Cápua, agora que tomamos o caminho de regresso, eu ia contente que nem bulbull retolçando na água dos lameiros. O sol nascia atrás do arvoredado. Dos lados do mar a névoa dissipava-se rapidamente. As aves deixavam os seus poisos e descreviam círculos sobre as nossas cabeças. A ramagem fazia-me carícias. Eu ia arrancando e trincando frutos silvestres que apanhava à mão. Depois, o sol subindo começava a iluminar as colinas enodoadas de vermelho e a faixa do rio, onde a Jilá lavava a roupa e cantava uma canção do cinema. A sua voz clara e maviosa chegava-me aos ouvidos num murmúrio suave. Erguei os grandes olhos para nós, sorriu e ficou batendo compasso sobre as pedras ruídas da margem, entre flocos de espuma. Acenei-lhe com a mão. Dirigi-lhe, num impulso de alegria incontida e quase infantil uns galanteios aprendidos no quartel. Queria gritar para ela que ia ser cabo, depois, quando subíamos o oiteiro para encurtar a distância ainda lhe ouvi a canção elevando-se no ar em surdina entre os revérberos do sol que tingiam de oiro tudo em volta.